

AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM NA ADOLESCÊNCIA

Maria Virginia dos Santos Souza; Tatiana Cristina Vasconcelos; Joselito Santos; Rosimere

Bandeira Diniz

Universidade Estadual da Paraíba, professoravirginiassouza@gmail.com

Resumo: A afetividade bem como a adolescência não são temáticas contemporâneas, mas históricas. Portanto, merecem ser estudadas a partir de uma visão histórico-cultural. Especificamente, a afetividade na Educação é um tema que deve ser mais divulgado no contexto educacional, porque ensinantes e aprendentes precisam saber lidar melhor consigo mesmo e com os outros. Conhecer melhor os aspectos de afetividade, para interagir melhor com o processo de ensino aprendizagem é um desafio a ser enfrentado. Nesse contexto, a base teórica que fundamentou o presente estudo de cunho bibliográfico foi a concepção histórico cultural de Vygotsky (1991), e de seus colaboradores, os quais defendem o estudo do desenvolvimento humano com base nas relações sociais e que é por meio dela que nós desenvolvemos e que devemos considerar tudo o que o estudante traz de sua cultura para a escola, partindo desse ponto para inserir os novos conhecimentos. Ademais, adotou-se Wallon (1996), por meio de seus estudos, mostrou a importância da afetividade no desenvolvimento do indivíduo principalmente nos primeiros anos de vida da criança, porque ela aprende a partir do que o adulto mostrar e ensinar para ela e com o lado afetivo envolvido isso fica mais fácil porque torna a criança mais segura do que está sendo ensinado e internalizado. Ao propor um estudo que entrelace a afetividade como aspecto motivacional para aprendizagem dos adolescentes, será enfatizado a importância desse aspecto para a formação sócio educacional dos mesmos.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Adolescência.

Introdução

A afetividade bem como a adolescência não são temáticas contemporâneas, mas históricas. Portanto, merecem ser estudadas a partir de uma visão histórico-cultural. Especificamente, a afetividade na Educação é um tema que deve ser mais divulgado no contexto educacional, porque ensinantes e aprendentes precisam saber lidar melhor consigo mesmo e com os outros. Conhecer melhor os aspectos de afetividade, para interagir melhor com o processo de ensino aprendizagem é um desafio a ser enfrentado.

Nesse contexto, a base teórica que fundamentou o presente estudo de cunho bibliográfico foi a concepção histórico cultural de Vygotsky (1991), e de seus colaboradores, os quais defendem o estudo do desenvolvimento humano com base nas relações sociais e que é por meio dela que nós desenvolvemos e que devemos considerar tudo o que o estudante traz de sua cultura para a escola, partindo desse ponto para inserir os novos conhecimentos. Ademais, adotou-se Wallon (1996), por meio de seus estudos, mostrou a importância da afetividade no desenvolvimento do indivíduo principalmente nos primeiros anos de vida da criança, porque ela aprende a partir do que o adulto mostrar e ensinar para ela e com o lado afetivo envolvido isso fica mais fácil porque torna a criança mais segura do que está sendo ensinado e internalizado.

Ao propor um estudo que entrelace a afetividade como aspecto motivacional para aprendizagem dos adolescentes, será enfatizado a importância desse aspecto para a formação sócio educacional dos mesmos. Entende-se que é a partir do bom relacionamento em sala que o processo ensino aprendizagem se efetiva, por isso a afetividade é hoje considerada por diversos estudiosos (CÔTÉ, 2002; DIAS, 2003; ESPINOSA, 2002; MOLL, 1999; RIBEIRO, 2010) como fundamental na relação educativa por criar um clima propício à construção dos conhecimentos pelas pessoas em formação.

A respeito dos fenômenos afetivos, Pino (2000, p. 128) afirma que estes “representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser no mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes à seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo” (idem, p. 130-131).

Nesse contexto, o mundo afetivo na adolescência e sua aprendizagem decorrem de diversos fatores sociais, histórico e culturais (PINO, 2005), sendo estes destacados como importantes para o desenvolvimento do adolescente, segundo documentos oficiais (a exemplo da LDB e dos PCN). Logo, esses documentos colocam que o estabelecimento de relações afetivas repercute no trabalho educativo e que somente os professores que valorizam o estabelecimento dessas relações criam as condições necessárias à integração social dos seus alunos.

Vygotsky (1991) coloca que, a relação professor/aluno deve ser de cooperação, de respeito e de crescimento. A interação entre os mesmos deve pensar a dinâmica de sala de aula, considerando a criança como um ser interativo e ativo no seu processo de apropriação do conhecimento. Porque a escola, segundo Perez Gomez (2000), é um ambiente de aprendizagem, havendo uma diversidade de cultura que orienta a construção de significado compartilhado entre professor /aluno. Assim, este trabalho relata a visão sobre o papel que se dá a afetividade no processo de ensino aprendizagem dos adolescentes e analisa através das pesquisas realizadas o que se entende por adolescência, por afetividade, por dimensão afetiva no ensino. Tendo em vista a afetividade como fator primordial para a aprendizagem, o principal objetivo deste artigo é refletir sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem de adolescentes.

Metodologia

Esta pesquisa foi de caráter bibliográfico, sendo esta desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas de exclusivamente de fonte bibliográfica (GIL, 2002). Por se tratar de uma análise bibliográfica sobre o papel da afetividade na aprendizagem dos adolescentes, o desenvolvimento deste artigo foi realizado a partir do estudo feito de artigos acadêmicos, dos documentos. A pesquisa foi pensada a partir do estudo do componente curricular Psicologia, desenvolvimento e aprendizagem II do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Resultados e discussão

A afetividade é raiz de todo relacionamento humano, desde o nascimento para sobreviver e para que desenvolvamos nosso potencial emocional, cognitivo e moral. Logo temos o conceito:

Afetividade (de afeto+(idade) Qualidade psíquica conjunto de fenômenos psíquicos. Que se manifesta sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhadas sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria, ou tristeza (Ferreira, 1999.p. 62 *apud* Bairros, 2011).

Os relacionamentos afetivos se desenvolvem sempre dentro de um contexto social: a família, o grupo de amigos, a escola, a rua, a cidade, tendo características bastante definidas e cada uma das situações. De acordo com o pensamento de Wallon (1968) e Vygotsky (1991) o homem se desenvolve por completo a partir do convívio dele com o meio, porque desde quando nasce é um ser afetivo e se expressa por meio das emoções (choro, risada, sensação de conforto) cabe ao adulto interpretar todas estas expressões do bebê. Assim, tudo que o bebê aprende é a partir da relação com o adulto, desde o andar, falar correr e até mesmo conseguir definir o certo e o errado.

Outro conceito que precisamos ter conhecimento é o de adolescência, que refere-se a fase do desenvolvimento humano caracterizada pela passagem à juventude e que começa após a puberdade. De modo geral o conceito de adolescência mais difundido na Psicologia tem sido marcado por tendências que priorizam a discussão e enfoque desse período como etapa de desenvolvimento naturalizado, decorrente de uma maturação biológica, desconsiderando o contexto social e histórico no qual os indivíduos estão inseridos.

Bock (2004) enfatiza que a fase da adolescência é apresentada, em diversas teorias, como se fizesse parte da natureza humana, sendo tomada por características naturais a todos os indivíduos normais, muitas vezes independentemente da cultura na qual estão inseridos. Todos os indivíduos, portanto, passariam por esse estágio de desenvolvimento dominado pela tormenta e tensão emocional, decorrente do desenvolvimento biológico.

A psicologia histórico-cultural ou sócio-histórica fundada por Liev S. Vigotski (1896-1934), na década de 1920, assume contornos bem definidos quanto à constituição do psiquismo humano. Partindo de fundamentos marxistas do pensamento dialético, apresenta uma nova postura quanto à construção da teoria do desenvolvimento e, desta forma, uma nova compreensão da adolescência. Propõe como imprescindível para a compreensão e análise do processo do fenômeno psíquico a necessidade de centrar a análise no processo e não em seu produto final, sendo fundamental enfatizar a dimensão histórica do desenvolvimento psicológico.

O desenvolvimento se processa por meio de constantes interações com o meio social em que o sujeito vive e disso resulta o desenvolvimento de formas psicológicas mais sofisticadas. Dessa maneira, o desenvolvimento do psiquismo se processa mediado pelas relações com o outro (que

podem ser outras pessoas do mesmo grupo cultural). Esta mediação indica e delimita os significados que são construídos pela humanidade, e apropriados e significados pelos indivíduos.

Tradicionalmente, os jovens e adolescentes são frequentemente associados a fatores de riscos, como gravidez precoce, abuso de substâncias psicoativas, violência na comunidade e pobreza cultural. Entretanto, tem sido crescente os estudos (Dayrell, 2003; Melluci, 1996; Pais, 1990; Vasconcelos, 2012) que abordam outras imagens da adolescência sendo esta considerada uma construção sócio-histórica e cultural. Para Calligaris (2000), portanto, a adolescência torna-se mítica quando compreendida como um dado natural, prescrevendo normas de funcionamento e regras de expressão.

Buscamos defender a ideia de adolescência que tem uma importância em si mesma, por fazer parte da constituição de sujeitos enquanto processo mais amplo, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. Todo esse processo influenciado pelo contexto social, pela linguagem, pela ideologia, pela qualidade das trocas que o social e cultural de cada um proporcionam. Aliado a essa noção de adolescência é preciso que se compreendam os jovens como sujeitos com experiências plurais, sujeitos de seu tempo, pessoas dotadas da capacidade de pensar, de interpretar, de posicionar-se na vida, sujeitos inseridos na cultura e na dinâmica social, que dão sentido ao mundo e à posição que ocupam nele. Sujeitos portadores de desejos, movidos por eles e em interação com outros seres humanos (DAYRELL, 2005; 2007; PERALVA, 1997). Os adolescentes são interlocutores na vida e na pesquisa, estão inseridos em classes e ocupam lugares sociais, bem como reivindicam espaços na comunidade, nas instituições e nas relações. São sujeitos que agem *no* e *sobre* o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais. Por tudo isto, defendemos sua participação ativa nesta pesquisa, o que certamente desvelará aspectos específicos, diferenciados e, por isso mesmo, únicos (DAYRELL, 2003).

No contexto desta concepção de adolescência, e abordando a relação entre afetividade e aprendizagem, vemos que de acordo com Piaget (1951, p. 51) “Toda conduta, toda ação, supõe uma capacidade intelectual, mas também uma vontade. Inteligência e afetividade são indissociáveis”. Desta feita, nunca há ação puramente intelectual, assim como também não há atos que sejam puramente afetivos. Há um diálogo entre a inteligência e a afetividade. Assim, consideramos que afetividade é indissociável da aprendizagem. Já que afetividade nesse sentido refere-se ao conjunto de vontades, desejos, emoções, paixões e sentimentos, como define Wallon (1995) a afetividade

refere-se à capacidade, disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis.

Ainda com relação à aprendizagem, temos que estudos asseguram que a afetividade é importante para a aprendizagem cognitiva dos alunos, pois é pela via afetiva que a aprendizagem se realiza. Com efeito, para Pereira (2007), a construção dos conhecimentos resulta das interações de natureza histórica, social e biológica que se estabelecem no cotidiano, de modo que se torna necessário aprender a lidar com a dimensão afetiva como se aprende a lidar com outros aspectos de natureza cognitiva, como a escrita e as operações matemáticas.

Por esse motivo, o professor não pode negligenciar a afetividade na relação educativa. Assim, a sintonia, as relações afetivas e cooperativas, a solidariedade, a tolerância, a demonstração de respeito e de apoio por parte do professor ajudam os alunos a superarem dificuldades escolares (RIBEIRO, 2010). Portanto, vemos que o professor tem um papel essencial na formação intelectual dos alunos, mas para isso é preciso dar a devida importância a afetividade na relação educativa.

Tendo em vista a formação do professor respaldada em um ensino através de currículos predeterminados, não se pode deixar de lado a afetividade como um ingrediente que traz “cor e calor” a prática educativa, isto é, sem o fator afetivo as aulas se tornam apenas conteudistas e tradicionais. Portanto, é na sala de aula que a aprendizagem se desenvolve, por isso, estudos revelam que as dificuldades de aprendizagem dos alunos se constroem na sala de aula, na interação pedagógica e são o resultado de não ajustamento entre eles e os professores. Esse não ajustamento refere-se a atitudes inflexíveis por parte dos professores, no sentido de adaptar a metodologia a realidade dos alunos e por parte destes quanto ao caráter conturbado que a fase da vida acarreta, como a ambivalência de atitudes e sentimentos.

Outro problema que é muito comum em sala de aula diz respeito a forma como o professor trata seus alunos para manter a disciplina. O fato é que existem muitos casos em que o professor ao invés de usar a autoridade que tem por direito, utiliza-se de autoritarismo, e esse último acarreta a danos tanto na relação professor x aluno, quanto na relação aluno x aluno, pois a ausência de afetividade gera conflitos, e esses conflitos desestabilizam o ambiente agradável que deve haver na sala de aula.

A respeito do tema, o Ministério da Educação elaborou uma série de medidas visando a modernizar o sistema de educação e assegurar uma formação de base mais adequada aos professores. Entre essas medidas, encontram-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e as Diretrizes para a



Formação dos Professores para Todos os Níveis do Ensino (BRASIL, 2000). As diretrizes concernentes à formação dos professores (BRASIL, 1999) assinalam que uma educação de “qualidade” deve desenvolver, nos aprendizes, diferentes capacidades “cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal” (p. 25). Esse documento coloca que o estabelecimento de relações afetivas repercute no trabalho educativo e que somente os professores que valorizam o estabelecimento dessas relações criam as condições necessárias à integração social dos seus alunos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) constituem, também, uma referência ao currículo do ensino fundamental. Esse currículo visa o desenvolvimento de capacidades “de relações interpessoais, cognitivas, afetivas, éticas, estéticas, para que o aluno possa dialogar de maneira adequada com a comunidade, aprenda a respeitar e a ser respeitado, a escutar e a ser escutado, a reivindicar seus direitos e a cumprir seus deveres” (BRASIL, 1997, p.46). Os PCNs admitem, então, o desenvolvimento da dimensão afetiva nesse nível.

Assim, relacionando o tema ora exposto às idiosincrasias da adolescência, Henri Wallon apresenta o estágio da puberdade e da adolescência como uma última e movimentada etapa que separa a criança do adulto que ela se tornará. Fala das modificações fisiológicas e psicológicas que ocorrem nesse estágio.

Segundo o autor no início da adolescência, a oposição ao outro parece freqüentemente ligada à dependência dele. Ao mesmo tempo em que deseja tornar-se independente do adulto o jovem necessita de sua orientação para as escolhas que deve realizar em um jogo de alternância que se faz necessário a fim de continuar a construção de sua pessoa, de sua identidade, porém as atitudes de dependência e oposição ao outro revelam importantes recursos para a construção da personalidade. Ainda conforme o autor, o jovem precisa receber atenção, ser ouvido, respeitado e valorizado, tendo em vista desenvolver uma personalidade autônoma. Logo percebemos a afetividade como fator primordial para o desenvolvimento psicossocial do jovem, além de contribuir para a formação cultural, religiosa e pessoal do mesmo.

O ponto de vista tradicional, identificado por Vigotski (1996) nas teorias da psicologia da época em que viveu, consistia em considerar as mudanças psíquicas ocorridas na criança e que produziriam o avanço até a adolescência. Esta perspectiva destacava tão somente traços externos, supérfluos e visíveis do desenvolvimento do indivíduo, ou seja, mudanças de seu estado emocional. Essas mudanças emocionais constituíam o núcleo central e conteúdo básico de toda “crise” adolescente. Segundo Vigotski (1996, p. 49), esse fato “contrapõe o desenvolvimento da vida

emocional do adolescente ao desenvolvimento intelectual do estudante”. Além disso, essa concepção reduz todo o amadurecimento psíquico do adolescente a uma condição preponderante: à “emocionalidade, a impulsos, imaginações e demais produtos semivisionais da vida emocional” (VIGOTSKI, 1996, p.49), não considerando que os conteúdos do pensamento – o material que opera os objetos a que se dirige – todos estes pontos passam por uma verdadeira revolução.

Na realidade, em uma concepção tradicional da adolescência, nega-se o surgimento de novas formas de pensamento neste período. O ponto nodal dessa nova fase de desenvolvimento, a adolescência, para Vigotski (1996), refere-se ao fato de que nesse período as funções psicológicas superiores – tais como memória lógica, abstração, atenção voluntária, entre outras – e os verdadeiros conceitos se formam. Ele considera que as funções psicológicas superiores (FPS), típicas dos seres humanos, constituem o núcleo fundamental da formação da personalidade. Essas funções psicológicas se desenvolvem na coletividade e a partir da apropriação de conceitos pelo indivíduo.

Em estudos tradicionais sobre a adolescência a capacidade de formar os verdadeiros conceitos e de realizar um grande salto no desenvolvimento das funções psicológicas não são aspectos ressaltados. Tais estudos se detêm nas “crises” e “mitos” da adolescência e não colocam em relevo a grande capacidade de elaboração mental do adolescente, a sua capacidade de superar os conceitos espontâneos e desenvolver a consciência filosófica.

Conclusão

Por meio das leituras de autores selecionados para a realização deste estudo foi possível perceber que a relação adequada entre professor/aluno envolvendo afetividade, possibilita a construção de um ser mais seguro, principalmente, na fase adaptativa na escola, e também favorece o aluno na hora de aprender o conteúdo, pois o educando gostará de ouvir o professor ensinar e também cria um vínculo de respeito entre ambos

Ao longo dos anos a discussão sobre afetividade e adolescência vem sendo discutida, mas no que se referem a dimensão afetiva por meio do ensino, pudemos observar que esta ainda vem sendo negligenciada. É preciso ter cursos de formação que ensine o professor a valorizar a metodologia de forma a atingir o desenvolvimento psicossocial, histórico, religioso e moral dos alunos. Um dos caminhos para alcançar esses objetivos é equilibrar a aprendizagem cognitiva e a aprendizagem afetiva, para que tanto o professor quanto o aluno adolescente encontre um ambiente propício para o devido desenvolvimento.



Em consonância com o que afirma os documentos oficiais sobre a formação dos professores que assinalam que uma educação de “qualidade” deve desenvolver, nos aprendizes, diferentes capacidades “cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal” (op.cit.), os discursos acima vão de encontro a uma qualidade desejada pelos adolescente e que pode ser alcançada se o professor for comprometido e ter a capacidade de ter prazer no que faz. Portanto, essas relações afetivas repercutem no trabalho educativo e somente os professores que valorizam o estabelecimento dessas relações criam as condições necessárias à integração social dos seus alunos. Portanto, é preciso ter em mente que as relações afetivas fazem parte do processo de nos tornar humanos. São através dessas relações que desenvolvemos nosso intelecto e nosso jeito de conviver com os outros seres numa cadeia de trocas afetivas.

O tema da afetividade é bastante debatido na área da educação e muito polemizado no seio familiar, uma vez que busca apreender o que as pessoas sabem sobre a importância da afetividade. Por isso faz-se necessário buscar pelo seu significado nas mais diversas dimensões. Desta forma com base nesse raciocínio a afetividade tem um papel importante em toda ação e reação do homem, porque ela influencia a percepção, sentimento, memória, autoestima sendo componente essencial da harmonia do equilíbrio e da personalidade humana.

Apresentadas essas idéias com vistas à reflexão sobre a adolescência, esperamos que os estudos empreendidos pela Psicologia Sócio-Histórica possam contribuir com a prática pedagógica. Uma prática pedagógica que valorize o trabalho do professor enquanto aquele que, no processo de mediação dos conhecimentos científicos, promove o desenvolvimento dos seus alunos, superando visões negativas sobre essa fase de desenvolvimento.

Referências

- BAIROS, J. de; BELTZ, C. W.; MOURA, M.; OLIVEIRA, S. G.; RODRIGUES, T. T.; SILVA, S. C.; COSTA, F. T. da. **Infância e adolescência: a importância da relação afetiva na formação e desenvolvimento emocional.** Disponível em: <<https://www.unicruz.edu.br/seminario/artigos/humanas.pdf>>. Acesso em: 15 de agosto de 2017.
- BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da informação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. CEDES**, 2004, vol.24 no. 62, p. Campinas.
- DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude.** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. In: **Revista Brasileira de Educação**. Nº 5, Set./Out./Nov./Dez, 1997, pp. 15-23

PÉREZ GÓMEZ, A. I. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PINO, A. (1997) O biológico e o cultural nos processos cognitivos, em Linguagem, cultura e cognição: reflexão para o ensino de ciências. **Anais do encontro sobre Teoria e Pesquisa em ensino de ciências**. Campinas: gráfica da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, p. 5-24.

_____. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. *A afetividade na relação educativa*. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/12.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2017. Horário: 10:00

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo (Brasil): Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

_____. **Psicologia infantil**. Madrid: Gráfica Rógar. Navacarneiro, 1996.